

# A VOLTA DO PARAFUSO e outros poemas

Venus Brasileira Couy

## A OUTRA VOLTA DO PARAFUSO

Perguntaram a Janis Joplin por que ela gritava tanto,  
ela respondeu que era preciso,  
pois ninguém a ouvia,  
precisarei também gritar quando o sol nasce e se põe  
e ainda nos intervalos?  
E se o grito vem em verso, usa ponto final e surdo?  
Nijinski queria dançar “e Deus disse: basta!”  
A outra volta do parafuso segue na contramão  
em passos de camurça e poá.

“Todos devemos fazer um poema a Adélia Prado”,  
consultar o dicionário de sinônimos,  
o de antônimos,  
marcar os verbetes,  
pentear os cabelos,  
seguir os mapas,  
escovar os dentes,  
ler as bulas,  
escamar os peixes,  
dormir cedo,  
e se a morte for um grande sono?

Os pensamentos passavam vestidos de percal,  
“enquanto descongelava o freezer”.

Esquece tua infância,  
as brincadeiras de cavalinho com o pai  
e os risos da menina  
que só queria cavalgar nas pernas ritmadas do pai,  
o jornal do prédio da Avenida Augusto de Lima,  
de cuja confecção os pequenos jornalistas se ocupavam  
e de um andar ao outro corriam  
e exibiam pautas urgentíssimas dependuradas  
[sob os braços,  
vez por outra a edição do jornal vinha premiada  
com jujubas e júbilos de oh,  
tinha oito anos a redatora-chefe e datilografava,  
datilografava, até surgirem calos nos dedos  
ou os propósitos ficarem presos  
[em algum pente de madeira.

Esquece tua adolescência,  
os “dezessete anos femininos” e o enigma a abotoar a blusa,  
o bar do Lulu, onde tudo parecia sem hora  
sob a gargalhada das garrafas,  
as sessões quase diárias de cinema,  
as livrarias mapeadas em circuito,  
os passeios de moto e o sexo sobre a moto  
e a cara de espanto do carona que falava francês.

Esquece aquele amor,  
aquele que assalta o dia  
e a noite  
e se espalha pelos versos  
sem se importar com a métrica.

“Amanhã é véspera”,  
as chaves estão guardadas,  
eram apenas rabiscos sobre o papel.

## O NADA

O nada acena e diz: vem,  
vem com os olhos fuliginosos  
e sobranceiras de papel,  
antes que a nódoa da noite  
roube a visão dos homens  
e as galáxias celestes se afastem.

O nada se recosta sobre a almofada e diz: vem,  
vem com as costas pintadas de vermelho rubi  
e risque o fósforo do escrito.

O nada desliza sobre a parede e diz: vem,  
encha os copos vazios  
e desenhe sobre as bordas  
a pupila das pedras.

## A CASA E A RUA

Em casa, penso na rua,  
os semáforos seminus,  
as sombrinhas soltas e as bem fechadas  
dentro das bolsas,  
as calçadas e os cheiros das calçadas,  
os casacos de frio,  
os passos de todas as medidas,  
os homens e os animais sob as marquises,  
as placas que é preciso interpretar,  
os carros velozes e outros nem tanto,  
as sirenes,  
as ambulâncias.

Qual é o lugar do poema que também estende o chapéu?  
É ao lado dos doentes?  
Dos transeuntes?  
Dos que vivem a rua?  
Dos mortos?  
Junto aos insetos?  
Interrogo os percevejos  
e recolho respostas reticentes,  
entre anotações  
e o amanhecer do dia.

Na rua, penso na casa,  
Que espessura terão as coisas atrás da porta?  
Que dimensão humana os talheres postos  
[simetricamente à mesa flagrarão?  
Que fato inédito ou talvez estranho cada guardanapo  
[dobrado ao meio dirá ao outro?  
Que epíteto a cadeira junto à janela proferirá perto  
[de teu corpo e voz?  
Zapeio os canais de TV  
e paro o controle no canal Off,  
O que trazem as ondas do mar que assistem às noites  
[antes do sono?  
“Dormir, sonhar, talvez”,  
É possível rebobinar o desejo na fita K7?  
Os gatos passeiam entre as pernas  
sob o olhar dos pêssegos.

Deu no Estadão que “um condomínio residencial em Itapeva, município no interior de São Paulo, que se tornou reduto de milionários na pandemia, recebeu uma praia artificial capaz de produzir diferentes tipos de ondas, com a promessa de deixar satisfeito até mesmo um surfista profissional”,  
No centro de São Paulo aumentam o número de famílias sem teto que perderam o emprego durante a pandemia,  
Na Praça da Estação um menino tenta fazer o dever de casa com o celular emprestado enquanto o sinal não cai,

João Marcos, em Ibitaré, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, retira do saco de 15 Kg ração de cachorro para comer,

João Marcos coloca a ração canina na palma das mãos  
e depois a leva à panela,  
e depois ao fogo,  
e cozinha a ração com feijão  
à espera também da sua hora do almoço.

Colo o ouvido no asfalto  
e escuto a cidade,  
as ruas tristes e alegres  
os bancos de praça vazios e os habitados,  
tua fraqueza o craque fumou,  
Isaac seria sacrificado e não foi,  
no lugar dele arranjaram uma ovelha,  
uma ovelhinha de nada.

Colo o ouvido no chão de casa,  
o poema sangra aos domingos  
e não recua.

VENUS BRASILEIRA COUY é poeta e ensaísta. Publicou, entre outros livros, *Nenhum* (7Letras, 2021) e *Quase poema* (7Letras, 2020).